

**SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL**



© ESTELLE VALENTE

**7 A 24 ABR**

**TEATRO**

# **A CONQUISTA DO PÓLO SUL**

## **DE MANFRED KARGE**

**ENCENAÇÃO BEATRIZ BATARDA  
ARENA ENSEMBLE**

**QUARTA A SÁBADO ÀS 21H**

**DOMINGO ÀS 17H30**

SALA PRINCIPAL; M/14

€12 A €15 (COM DESCONTOS €5 A €10,50)

DURAÇÃO: 2H15

**SESSÃO LGP: 17 ABR**

CONVERSA COM A EQUIPA ARTÍSTICA,  
DOMINGO DIA 10 ABRIL, APÓS O ESPECTÁCULO

**ABRIL 2016**



### Entrevista a Beatriz Batarda

#### Qual o contexto histórico em que foi escrita a peça?

Após a 2ª Grande Guerra, a Alemanha ficou dividida em dois regimes político-económicos antagónicos. O território Oriental, mais tarde denominado de República Democrática Alemã, ficou a cargo da União Soviética seguindo um regime comunista, e no território Ocidental dominado pela França, Reino Unido e Estados Unidos nasceu a República Federal da Alemanha. Manfred Karge, nasceu em Bradenburg em 1938, viveu a queda da Alemanha Nazi, a divisão de uma nação, o confronto com a responsabilidade de actos inomináveis e o desfazer do sonho comunista. Helene Weigel, atriz, mulher e parceira de Berthold Brecht, convida-o a juntar-se ao Berliner Ensemble, o teatro do estado, no final dos anos 60. Colaborou como actor, encenador e dramaturgo com Benno Besson e Mathias Langhoff, juntando-se mais tarde ao movimento Volksbühne. Inspirado no teatro épico de Brecht, escreveu 15 obras sobre a classe operária – as pessoas pequenas nas palavras de Karge – misturando linguagem elevada, poética expressionista e calão, sem teorizar e com a única preocupação de contar bem uma história.

#### Já conhecia a obra de Manfred Karge?

Em 2001, conheci o encenador inglês Stephen Unwin que encenou *A Conquista do Pólo Sul* e *De Homem Para Homem* no final dos anos 80. Foi também por essa altura que me ofereceu uma edição destas peças em inglês com a recomendação de que deveria fazê-las. Em 2008 o Arena Ensemble levou ao palco do Teatro do Bairro Alto, uma encenação de Carlos Alardo do monólogo escrito para Lore Brunner em 1982. Coube-me viver com Ella em *De Homem Para Homem* durante um ano.

#### O título sugere uma referência a um acontecimento histórico? Já agora o que quer dizer *pemmican*?

*A Conquista do Pólo Sul* foi possivelmente das mais duras provas vividas pelo homem em nome do conhecimento e da exploração do planeta. A aproximação ao Pólo foi feita por etapas, mas a corrida final foi um marco trágico na memória da história da aventura. Em 1909, Shackelton, levando póneis, desiste ao fim de 73 dias, a 88° 23 minutos Sul, 179,45 kms do Pólo Sul. Dia 14 de Dezembro de 1911, Roald Amundsen, Olaf Bjaaland, Sverre Hassel, Helmer Hansen e Oscar Wisting conquistam o Pólo Sul logo na sua primeira expedição, apostando em 52 cães em vez de póneis e equipamento de pêlo. Arrancam com o plano de abater metade da matilha no caminho para poupar na carga de mantimentos, mas Sverre Hassel questiona-se sobre a decisão de Amundsen “um visionário ou um louco”. A expedição de Robert F. Scott, já conhecedora do território, deixou a Inglaterra sem saber que Amundsen se dirigia também ele para Sul. Mas quando deram início à longa marcha, era claro que se tratava de uma corrida entre duas nações. Chegaram ao Pólo com 5 semanas de atraso, onde foram confrontados com a imagem desoladora da bandeira norueguesa e uma carta assinada por Amundsen. No regresso, e ao fim de 10 semanas a marchar, morre Edgar Evans, seguindo-se Oats, e, ao fim de 150 dias a marchar sob temperaturas entre os -30°C e os -65°C, montaram acampamento a cerca de 18kms do depósito. Scott, Wilson e Bowers acabaram por morrer aí durante o sono. O *pemmican* é um composto de carne seca, gordura, bagas, ervas, altamente proteico e nutritivo usado por ambas as equipas.

**Ao ler a peça é difícil não ficar perdida com a quantidade de nomes e apelidos e alcunhas que as 8 personagens têm, desdobram-se em 14 personagens.**

**Fez cortes na escrita original de referências à época da sua escrita? Que tipo de referências serão encriptadas para o espectador português?**

Bruno Nogueira é Benno Slupianek, o individualista desempregado que herdou um pombal, assume o papel de Amundsen o destemido solitário norueguês e recusa o papel de Marshall. Nuno Lopes é Buscher, o desempregado que se identifica mais com os fracassos e a quem é atribuído o papel de Hansen, agente de alfândega na vida civil, condutor de cães mas que preferia ser Wild da expedição de Shkelton. Romeu Costa é Braukmann, desempregado, casado com Luise, a quem é atribuído o papel de Wisting, génio da cozinha, tendo mais tarde o papel de Shkelton. Miguel Damião é Seiffert, desempregado, conhecido por Alce de Herne – o Ás dos Flippers – a quem é atribuído o papel de Bjaaland, campeão de ski e fotógrafo e mais tarde, Adams da expedição de Shkelton. Flávia Gusmão é Luise Braukmann, empregada numa roulotte, trabalhadora incansável, casada com Braukmann e com o único sonho de ter um filho, a quem é atribuído o papel de Hassel. Ana Brandão é Frankieboy, o rapaz diminuído que é ignorado por todos, a quem é atribuído o papel do cão de nome Lasse. Ana Brandão é também o cachorrinho maltratado de Rudi: Rosi o carocinho de cereja, a desempregada, a fumadora, a divorciada. Nuno Nunes é Rudi, o senhor dos andaimes, empreendedor, intoxicado de informação televisiva, defensor da abolição do estado social e saudosista da Alemanha Nazi.

**Como é que se faz cruzar em palco duas realidades, situadas em lugares e épocas tão distintas?**

Acreditando nas várias realidades, mas numa de cada vez.

Não cortei nada que fosse referencial, mas cortei algumas frases para que Frankieboy e Rosi, ambos interpretados pela Ana Brandão, não se atropelassem. Acrescentei a canção *La Paloma*, referida na peça, composta em 1863 por Sebastian Iradier, numa versão em Alemão. As poucas referências que possam saltar ao ouvido do espectador português serão: a cidade de Herne, uma cidade industrial que viveu das minas do carvão e caiu em total falência; o rio Volga, o maior rio da Europa que atravessa a Rússia; *pemmican*, o alimento calórico confeccionado para expedições às neves; Erwin Alce, o alce do Pai Natal.

**Em todos os textos que tem encenado, contemporâneos ou clássicos, encontramos o tema 'o teatro dentro do teatro'. É essa a linha que a conduz?**

É verdade que não há nada que ligue a minha escolha de textos para além do tema 'o teatro dentro do teatro'. Tento em todas as propostas elogiar o trabalho do actor que se desdobra no seu amor pelos espectadores. Vejo no trabalho do actor a exaltação da vida acima dela própria, acima da lógica, acima do realismo, perto do divino. Na realidade proposta por Manfred Karge, estas são as pessoas que perpetuam a história do desempregado vencido pelas más previsões, vítima da injustiça social, aquele que errante procura sobreviver à ausência de rumo ou de objectivos; e também a história do intolerante vencido pela exaustão a que o capitalismo sujeita. Afinal de contas, se apenas o emprego ou a função na sociedade



nos devolve identidade, qual é a importância do género, da personalidade e do amor? Sobre as caixas que o teatro contém – a ilusão exerce um poder transformador sobre o homem, dando-lhe uma janela aberta no beco sem saída e da qual pode tirar o fim que melhor lhe serve. Uns encontram na ilusão o alibi perfeito para fugir à realidade, outros encontram nela uma bolha de ar que lhes dá alento para continuar na vidinha, outros encontram resposta para compreender o mundo ou o significado da vida, uns encontram nela a libertação, outros a loucura. A construção da ilusão permite a visitação da verdade ao passo que a desconstrução da ilusão dá a segurança de uma explicação. O diálogo genuinamente provocador reside no jogo entre estas duas.

### **Quando começa os ensaios já sabe o que quer do espectáculo?**

Não vejo porque deva explicar um espectáculo que tenha criado, ou uma personagem da qual me tenha apropriado, porque só sei dar sentido ao que fiz passado algum tempo. Na maioria das vezes não sei as respostas às perguntas da praxe no momento da promoção de um espectáculo. Talvez seja desadequado dizer isto, e seria mais cómodo fazer crer que sei muito bem o que quero e procuro, e até é verdade que sei, mas é preciso clarificar de que não o sei racionalmente nem vem com um discurso visionário acoplado. Posso dizer que procurei pôr em causa a perpetuação das histórias que já conhecemos, às quais nos habituámos a dar sentido e lógica, cronologia e contexto. Sem esquecer que esta procura nasce da minha história e que cada actor e cada espectador são, também eles, portadores de histórias, das suas e dos outros. É justo pensar que o espectáculo reflecte o meu olhar actual sobre o caminho que a Europa escolheu para si, um caminho caótico,

contraditório, demagógico, corrompido, desfasado das verdadeiras necessidades ao desenvolvimento da Humanidade. O futuro só tem um caminho ilusoriamente redentor, aquele que permita o reencontro com a natureza, o investimento na pesquisa científica e a pacificação da alma pela Arte.

### **Como explicaria ao espectador o seu processo de construção deste espectáculo?**

Pedi aos actores que usassem a sua história para servir a história maior, que não se servissem da história para se descobrirem. Pedi aos actores que contassem bem a história, que procurassem a verdade para além do seu ponto de vista, que se agarrassem a todas as oportunidades de nova fantasia como se delas dependesse a vida de alguém. O trabalho dos actores neste espectáculo não assenta num encadeamento lógico, em justificações psicológicas, ou no romantismo de cada um mas sim na técnica do jogo entre a ilusão e a desconstrução. Explorei formas de cruzar os diferentes espaços geográficos e temporais da narrativa.



Somos portadores de histórias. Contamos histórias. Inventamos histórias. Contamos a nossa história. Mudamos a nossa história. Reinventamos a história de todos. Juntam-se as polaroids sem fio condutor, juntam-se os ingredientes, carne, gordura, bagas, ervas, pemmican o manjar dos deuses, e conquista-se qualquer coisa. Desta vez chamámo-lhe Pólo Sul.

Uma biografia absurda na voz de todas as personagens, da encenadora, e da Beatriz:

Abril 2016. Na recta final já pouco há a dizer. Sobrepõem-se as ideias e as histórias de todos os que construíram este espectáculo, e até de cada personagem, às minhas aspirações e fantasias. Perante o conflito exige-se uma decisão. Eu quero sentir o conflito e ver a decisão, é para isso que aqui estou. Quero que me contem uma história, por favor Dr. Erwin Alce, uma história por favor. Decisão feliz/ Decisão fracassada. Quero ver como resolvem. E gosto mais ainda quando não há lógica, quando os acontecimentos são tão absurdos e inexplicáveis que até a lógica dos contadores de histórias é posta à prova. Sim, porque haveremos de explicar o que não está na nossa natureza entender ou aceitar. Que importa se os espaços geográficos ou temporais se cruzem. A mim pouco me importa. Tudo continua mesmo quando o meu tempo pára. Suspensa num fio, como se fosse uma linha invisível, e o vento sopra na mesma, jactos de neve, o gelo a rachar numa extensão de quilómetros, mais um disparo e o meu corpo cai no abismo da morte, repetidamente. Sou um lobo. Sou uma foca. Esfrego-me com limão e gosto de filmes. Os pombos metem-me nojo. As pombas ainda mais. Nesta história não há encores. Só uma última palavrinha silenciosa do tipo fim ou foi assim. Para cada início, um fim. Mas até no final da história dá-se início a qualquer coisa. Iniciar/Finalizar.

Parar/Arrancar. Aquilo foi qualquer coisa. Sim, aquilo foi qualquer coisa Amundsen. É preciso salvar alguém, um amigo, a nós próprios. É preciso salvarmo-nos de nós próprios, ai, quantas vezes do nosso pensamento, não, do tédio, salvamo-nos quando olhamos para dentro do outro. Sim, por uma vez, olhemos o outro com curiosidade e vontade. A mim doem-me as costas, o coração, os olhos, a boca. Não há limão nem pemmican que me valha. Estarei cega do gelo? Se a minha vida está condenada ao fracasso que caminho poderei escolher? Sim, está condenada sim senhor. Se acredito que assim é, assim é. Sim, é verdade que todos os dias invento a minha história. A história que conto, movimento é pensamento, não passa de uma versão. Não passa de uma grande derrota. Verdadeira. Uma nuvem cor de rosa. Foi só um sonho, o que é que havia de ser? E se não souber que história contar? E se de tanta repetição da mesma história não nascerem outras, novas versões sobre o sujo e o limpo? Sim, sem sujo não há limpo. E se o teatro morrer? E se deixarmos morrer o teatro? Para que queremos nós as nuvens cor de rosa afinal? Aqui não há ratos, ou há? Não. Aqui há pinguins gordos, muito gordos e cheios deles. Pinguins sem curiosidade nem vontade de olhar o outro, nem mesmo de olhar pelo outro. Pinguins por todo o lado. Sentados em salas de reuniões, colados ao sofá com uma caneta na mão. Para que servem as canetas?

**Beatriz Batarda/ Encenadora**



© ESTELLE VALENTE





## A CONQUISTA DO PÓLO SUL

Nasci a 16 de Julho de 1872. Tenho 34 anos e vivo como posso. Estou desempregado. Hei-de ir ao Pólo Sul. Já conquistei o Pólo Sul. Nunca hei-de pôr os pés no Pólo Sul. Um dia destes descobri o que é o medo. Sabia lá eu que o coração conseguia bater assim. O meu pai é de Penafiel e trabalhava nas minas. Deixou-me as pombas que o acompanhavam nos túneis. O sinal de alarme. Acordo todos os dias com dores no joelho esquerdo e já não sinto os pés do frio. A minha mãe está reformada de uma empresa de gás. Já estive preso. Se tudo correr mal não foi a última. Um disparo. Gelo a rachar numa extensão de quilómetros. Cresci num bairro difícil, vi coisas que preferia não ter visto e fiz coisas que pensava que não queria fazer. Sou solteiro. Sou um individualista, sempre fui. Tenho três filhas, e mais uma a caminho. No dia em que conquistei o Pólo Sul almocei sozinho no Mattos para digerir a imensidão do que acabava de me acontecer. Acabava de ser pai. Outro disparo. Sabia lá eu que o mundo era isto tudo.

**Bruno Nogueira/ Slupianek**

Nasci num dia triste, como são quase todos. Cresci num subúrbio, como quase todos. Um subúrbio gelado, como quase todos. Durante a infância, em Herne, fazia todos os dias quilómetros a pé, na geadada, por entre as poças de lama, os rios de esgoto e as barracas onde viviam alguns que ainda conseguiam ser mais pobres do que eu, para poder chegar à escola. Esse enorme maciço de gelo onde odiava estar. Os ursos polares riam-se de mim. Tratavam-me como estrume. Porrada/ humilhação/ Porrada/ Humilhação. Como fui bem estrumado, cresci rápido e forte, ganhei corpo e condição. E hoje, já só se ri de mim quem não tem apego aos dentes. É que nesta terra sem sol, onde a merda é livre e corre a céu aberto, o estrume não dá rosas. Só espinhos. Espinhos de gelo.

**Nuno Lopes/ Buscher**

Porque é que gosto de estar pendurado? Porque sim, porque nasci pendurado...pendurado por uma diferença, uma diferença de nascença. Tentei brincar como os outros meninos nas terras altas e frias mas é difícil quando te chamam nomes, nomes que te diferenciam, te excluem – Alce – e tu queres, simplesmente, ser um pinguim, como os outros. Que faz um Alce no meio de pinguins? Tenta esconder o casco... horas, dias, semanas, anos a jogar flippers e nos copos, sem rumo, sem Norte, com um trabalho merdoso a lavar janelas de edifícios, sem vertigens. E porque a crise chegou, o emprego foi-se, e os flippers e os copos já não chegam. Arranjar emprego sem uma mão? Sei que não sou o único desempregado e desculpem-me se vou estragar a “festa” mas quero e tenho o direito de decidir...Para onde quero ir? Para a esquerda? Para a direita? Deixo-me cair? O meu reino por uma bússola!!! Para Norte? Para Sul? Em frente disseram-me, em frente, sempre em frente, sem pensar. Nem Alce, nem pinguim, nem índio, a identidade não está nas referências, mas sim na simplicidade da queda livre das nossas convicções.

**Miguel Damião/ Seiffert**

Tenho 30 anos. Os meus pais sempre trataram do peixe numa fábrica de conservas, ali nos arredores daquela grande cidade ao pé do mar. Trabalharam muito para alimentar os seis filhos. Na verdade, cinco filhas e um filho, eu. Nunca fizeram férias. Passei muitas noites debaixo da banca da minha mãe, foi a minha segunda casa, muitas vezes a primeira. Como tinha óculos era o “faróis da traineira” diziam. Agora consigo ver sem eles, mas é muito melhor quando os ponho. Aprendi a estar na minha sem levantar ondas. Os meus pais deixaram a fábrica por causa dos problemas nas costas e nas mãos, sem direito a reforma ou apoio do social. Nessa altura, começou a fechar tudo naquela zona. Ainda bem que conheci a Luise. Passo muito tempo com o pessoal meu amigo. Mas continuo sem trabalho. E por muito que coma os dedos não consigo acalmar. O que ainda assim acalma a minha cabeça é os copos. Se beber fica tudo mais fácil. Eu e os meus amigos encontramos-nos sempre nos copos. Nem o frio nos incomoda. A Luise não gosta. Mas às vezes só o frio da noite parece que é real.

**Romeu Costa/ Braukmann**



Esta sou eu aos 15 anos com vontade de morrer, esta sou eu a ganhar nos flippers, esta sou eu depois de ter feito amor com o meu marido, esta sou eu a gostar de dizer “o meu marido”, esta sou eu a falar contigo na minha barriga, esta sou eu a dizer-te que quero que sejas um menino para seres mais parecido com a mãe, esta sou eu grávida de oito meses no dia em que o meu pai morreu e eu não pude ir ao funeral porque estava longe, esta sou eu a aproveitar estar desesperada com o meu marido para chorar pelo meu pai, esta sou eu a achar que estou a fazer tudo mal, esta sou eu a aproveitar ter feito tudo mal, esta sou eu a gozar com ter feito tudo mal, esta sou eu a seduzir, esta sou eu de todas as vezes que fui assediada, esta sou eu de bikini no pólo sul a cozinhar Katxupa, esta sou eu a ser actriz de cinema com o meu filho no intervalo das filmagens a agarrar-me no indicador direito e a dizer “já tá, já tá”.

**Flávia Gusmão/ A Braukmann**

Do que me lembro mais? Dos olhos azuis do meu irmão e de ouvir a música que saía do quarto dele, quando estava com os amigos. Ficava escondida. Tinha medo quando fumavam umas coisas e começavam a riscar os discos de propósito. O único que não riscaram foi o do Frank Sinatra: Strangers in the Night. Durante algum tempo não conseguia ouvir essa música. Fazia doer.

Agora já consigo e sei de cor. Não consigo é ir à janela. Já não tenho nódoas negras, nem arranhões. Não tenho medo de ficar a olhar para o tecto a ouvir música. Tenho o meu casaco cheio de pêlos. São do meu cão. Ele morreu. Tenho saudades de fazer-lhe festas. As festas que me fizeram foram poucas. Nem quando fiz 10 anos me fizeram uma. O meu avô estava a morrer. Estou à espera.

**Ana Brandão/ Frankieboy e Rosi**

31 anos. Cresci e estudei na minha terra natal, em Herne. Os meus pais ensinaram-me que não há desculpas para todas as nossas faltas e nunca precisei dum psicólogo para me corrigir. Não deprecio quem precise, mas a questão está em termos referentes fortes e eu, felizmente, tive-os. Desde cedo que as artes me atraíram mas o meu pai nunca me encorajou por falta de saídas profissionais. Optei por arquitectura, trabalhei em part-time para conseguir sustentar-me, mas encontrei professores que quiseram prejudicar-me e tive de desistir. Há muita coisa que uma universidade não nos ensina. A minha experiência vem do trabalho. Gosto de pessoas com amor à camisola, que puxem isto para a frente. Não suporto oportunistas e pedinchões. O mundo está cheio disso. O que eu tenho consegui-o com muito suor.

**Nuno Nunes/ Rudi**

## A CONQUISTA DO PÓLO SUL

**ARENA ENSEMBLE** é uma plataforma de criação artística, criada por Beatriz Batarda e Marco Martins em 2007, que surge como espaço de partilha das suas referências e trajectos individuais na procura de formas de explorar uma linguagem comum cruzando a palavra, a imagem, a música, a dança e a instalação performática. Este Ensemble visa ser um espaço de reflexão da linguagem teatral contemporânea, aproximando-a não só dos públicos urbanos como também das comunidades mais isoladas. Destacam-se os espectáculos em sala *Quando o Inverno Chegar* (2007) e *De Homem Para Homem* (2008), bem como os trabalhos desenvolvidos com a comunidade cigana de Sanguedo em *Baralha* (2010) e com os trabalhadores dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo em *Estaleiros-ENVC 2012* (2012), ambos em colaboração com o CCTAR – Centro de Teatro e Artes de Rua. O projecto tem a consciência de uma responsabilidade social e procura uma linguagem teatral capaz de transpôr as tradicionais fronteiras que separam o cidadão da Arte, colocando-se no centro da discussão e do espaço público. Independente e sem um apoio estrutural que permita um maior desenvolvimento e concretização do projecto nas suas diferentes vertentes, o Arena Ensemble prossegue a sua actividade, apresentando em 2016 a criação de dois novos espectáculos: *A Conquista do Pólo Sul* de Manfred Karge, encenação de Beatriz Batarda e *As Criadas* de Jean Genet, encenação de Marco Martins.

2007 – *Quando o Inverno Chegar* de José Luís Peixoto. Encenação Marco Martins. Espectáculo fundador do Arena Ensemble.  
2008 – *De Homem Para Homem* de Manfred Karge. Encenação Carlos Aladro  
2009 – *Music Around Circles*. Imagem Marco Martins/ Música Bernardo Sasseti  
2010 – *Antes de Ser...* Instalação performática de Beatriz Batarda  
2010 – *Olá e Adeusinho* de Athol Fugard. Encenação Beatriz Batarda  
2010 – *Baralha* a partir de *Romeu e Julieta* de William Shakespeare. Encenação Marco Martins  
2010 – *Durações de Um Minuto*. Textos Gonçalo M. Tavares. Direcção Marco Martins e Clara Andermatt  
2011 – *Azul Longe nas Colinas* de Dennis Potter. Encenação Beatriz Batarda  
2011 – *Num Dia Igual aos Outros* de John Kolvenbach. Encenação Marco Martins  
2012 – *Pessoa “em pessoa”*. Textos Fernando Pessoa e Gonçalo M. Tavares. Encenação Marco Martins  
2012 – *Estaleiros*. Textos Gonçalo M. Tavares e Samuel Beckett. Encenação Marco Martins  
2012 – *Dança da Morte* de August Strinberg. Encenação Marco Martins  
2013 – *Rosencrantz & Guildenstern Estão mortos* de Tom Stoppard. Encenação Marco Martins  
2013 – *Two Maybe More*. Música Pedro Moreira. Textos Gonçalo M. Tavares. Direcção Marco Martins  
2014 – *Como Queiram* de William Shakespeare. Encenação Beatriz Batarda

---

### A Conquista do Pólo Sul depois do São Luiz

7 Maio

Centro de Arte de Ovar

14 Maio

Centro Cultural Vila Flor, Guimarães

9 Junho

Teatro Constantino Nery, Matosinhos

18 Junho

Teatro Micaelense, São Miguel

## A CONQUISTA DO PÓLO SUL

De Manfred Karge  
Tradução: Helena Topa  
Encenação: Beatriz Batarda  
Cenografia: Wayne dos Santos  
Figurinos: Isabel Carmona  
Desenho de luz: Nuno Meira  
Direcção artística: Marco Martins  
Direcção musical: Nuno Rafael  
Interpretação: Ana Brandão, Bruno Nogueira,  
Flávia Gusmão, Miguel Damião, Nuno Lopes,  
Nuno Nunes e Romeu Costa  
Assistente de encenação e produção: Carolina Serrão  
Assistente de desenho de luz: Carin Geada  
Direcção de produção:  
Narcisca Costa/ Arena Ensemble

Um Projecto: Arena Ensemble  
Uma produção São Luiz Teatro Municipal  
em co-produção com Centro Cultural Vila Flor

Agradecimentos:  
Victor Hugo Pontes, Sérgio Milhano  
João Leitão, Sérgio Nascimento  
e Ministério dos Filmes

Apoios:  
Cabelos WIP-Hairport, Peris Costumes –  
Maria Gonzaga Guarda-Roupa



WIP-hairport



EM BREVE

# 6 A 8 MAI NOITES MARIA&LUIZ SOBRE O CONCEITO DO ROSTO DO FILHO DE DEUS

SUL CONCETTO DI VOLTO  
NEL FIGLIO DI DIO

CRIAÇÃO E DIRECÇÃO:  
ROMEO CASTELLUCCI



**BILHETE  
SUSPENSO**

Convidamos o público do São Luiz a adquirir um bilhete pelo valor de 7 euros, que fica *suspenso* na nossa bilheteira e que reverte para pessoas apoiadas pelas entidades associadas. O restante valor do bilhete é suportado pelo Teatro. O Bilhete Suspenso é um projecto que se insere na política de responsabilidade social do São Luiz Teatro Municipal. Conheça, junto da bilheteira do Teatro, as entidades associadas. [bilheteira@teatrosaoluiz.pt](mailto:bilheteira@teatrosaoluiz.pt) tel: 213 257 650

**SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL** DIRECÇÃO ARTÍSTICA Aida Tavares DIRECÇÃO EXECUTIVA Joaquim René PROGRAMAÇÃO MAIS NOVOS Susana Duarte, Inês Almeida (estagiária) CONSULTORIA PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO Tiago Bartolomeu Costa ADJUNTA DIRECÇÃO EXECUTIVA Margarida Pacheco SECRETARIADO DE DIRECÇÃO Olga Santos DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO Tiza Gonçalves (Directora), Susana Duarte (Adjunta), Andreia Luís, Margarida Sousa Dias DIRECÇÃO TÉCNICA Hernâni Saúde (Director), João Nunes (Adjunto), *Iluminação* Carlos Tiago, Ricardo Campos, Ricardo Joaquim, Sérgio Joaquim, Miguel Ângelo (estagiário) *Maquinistas* António Palma, Cláudio Ramos, Paulo Mira, Vasco Ferreira *Som* João Caldeira, Nuno Saías, Ricardo Fernandes, Rui Lopes *Secretariado Técnico* Sónia Rosa DIRECÇÃO DE CENA José Calixto, Maria Távora, Marta Pedroso, Ana Cristina Lucas (Assistente) DIRECÇÃO DE COMUNICAÇÃO Ana Pereira (Directora), Elsa Barão, Nuno Santos *Design Gráfico* silvadesigners *video* Tiago Fernandes BILHETEIRA Cristina Santos, Hugo Henriques, Soraia Amarelinho FRENTE DE CASA Letras e Partituras *Coordenação* Ana Luísa Andrade, Cristiano Varela, Teresa Magalhães *Assistentes de Sala* Ana Catarina Bento, Ana Sofia Martins, Catarina Ribeiro, Daniela Magalhães, Domingos Teixeira, Helena Malaquias, Helena Nascimento, Hernâni Baptista, João Cunha, João Pedro, Manuela Andrade, Paulo Daniel Pereira, Raquel Pratas, Sara Fernandes SEGURANÇA Securitas LIMPEZA Astrolimpia